

APRESENTAÇÃO

Entre a abertura a contribuições para o campo com artigos provenientes de novas teses e pesquisas, bem como de leituras transversais sobre artefatos culturais do mundo hispânico, a chamada para o dossiê do número 8 trazia como desafio a questão da interculturalidade, e o resultado obtido é uma série de enfoques sobre este conceito vital na contemporaneidade, em diferentes modelos de aplicabilidade. Pode-se constatar que a proposta desvenda desde projeções atuais sobre aspectos de leituras de cânones que extrapolam o âmbito literário de uma obra clássica, ao estabelecer uma conexão entre os procedimentos formais de um texto como o *Quixote* e o contexto do humanismo florentino como parte de uma experiência vivida por Miguel de Cervantes, que hoje se revelaria como algo semelhante à marca de um hibridismo cultural.

Outro enfoque da questão intercultural decorre de uma apresentação de práticas culturais no México, como a do Dia dos Mortos, que coloca em diálogo valores e crenças que se reforçam naquele país e evidenciam diferenças referentes ao Brasil. Entretanto, resta saber até que ponto as práticas das culturas originárias foram apropriadas pela construção do nacional e não adotam a homogeneização como fórmula para atração turística em um mundo globalizado.

A questão que, diretamente, relaciona a interculturalidade às assimetrias culturais em tempos de globalização careceu de eco entre os pesquisadores e leitores da ABH. O mesmo se pode dizer sobre a referida diferenciação entre os termos “multiculturalismo” e “interculturalidade”, usados como sinônimos quando, em verdade, entre eles se evidenciam diferentes filiações. No caso do primeiro, a origem canadense e norte-americana estabelece como elemento principal de diversidade cultural e a proposta de inclusão ao *status quo*, em uma proposta que se articula de cima para baixo, sem evidenciar os conflitos existentes, nem um avanço decisivo para a igualdade de direitos. Isto se contrapõe à interculturalidade crítica (Walsh), que apresenta o conceito como algo inexistente, que só pode ser entendido como processo, a partir da escuta de movimentos a quem sofre discriminação e desrespeito a seus direitos inalienáveis como seres humanos, como é o caso das culturas originárias e afro-descendentes.

A entrevista com Ottmar Ette, importantíssima para o campo, também toca o tema do dossiê, ao tratar das relações entre macrocosmo e microcosmo, da necessidade de tratar do elemento pragmático vinculado às pesquisas e ao explicar a necessidade de reorientação disciplinar. De certa forma, questiona a construção literária com um só foco, o nacional-linguístico, e configura no cruzamento cultural (interculturalidade) de deslocamentos, como as migrações, um eixo da literatura em movimento que combina espaço e tempo, e a partir de uma longa tradição germânica, como a humboldtiana, operando e atualizando encontros transversais em determinadas regiões, tais como o Caribe, o Chile ou o mundo árabe. A partir da forja de um conceito como o de *estudios transareales*, Ottmar Ette chama a atenção para as superposições das perspectivas e os diferentes ângulos que a literatura exige, hoje, para se reorientar. Em consonância com o tema deste número, a interculturalidade, a proposta de Ette requer atenção à necessidade de reorientação do campo, o que se mantém ainda como desafio latente.



Por fim, a Revista *ABEHACHE* realiza uma homenagem póstuma à passagem ao modo encantado do escritor chileno Pedro Lemebel (1952-2015), a partir de janeiro de 2015, com a contribuição oferecida por sua tradutora oficial, Alejandra Rojas (UFFS/PGET-UFSC), em forma de duas traduções “Duendes da Noite” e “O informe Rettig”, graças à cessão de direitos da editora Cesárea, na pessoa de Schneider Carpeggiani, a quem agradecemos. Boa leitura!